

BOURDIEU, P. *Esquisse pour une auto-analyse*. Paris: Raison D'Agir, 2004.

---

Cristina Carta Cardoso de Medeiros\*

O livro *Esquisse pour une auto-analyse*<sup>1</sup> é a publicação mais recente de Pierre Bourdieu, feita pela Editora Raison D'Agir, criada pelo sociólogo e, após seu falecimento em janeiro de 2002, conduzida por seu filho Jérôme Bourdieu. O texto foi redigido entre outubro e dezembro de 2001, mas sobre ele o autor já trabalhava e refletia há algum tempo.

Primeiramente editado na Alemanha em 2002, o texto ainda sofreria modificações para sua edição na França. O desaparecimento precoce de seu autor, vitimado pelo câncer, torna este texto um trabalho inacabado, mas um importante livro científico, assim como os demais escritos por Pierre Bourdieu e, pelo objeto que trata, mais complexo que os anteriores.

Ao contrário do que o título poderia sugerir, não se trata de uma autobiografia, afirmação ratificada no livro antes mesmo de seu início. Aveso a esse formato literário, denunciou a ilusão biográfica em que os fatos são reconstruídos em uma falsa coerência e posteriormente comungados de forma voluntariosa pelo autor e pelo leitor.

Explicando a concepção do livro, é destacado nas notas editoriais que assim como Pierre Bourdieu entrou no *Collège de France* (1982) por uma reflexiva *Lições de Aula* (2001),<sup>2</sup> ele tinha decidido fazer seu último curso submetendo a si mesmo à prática da reflexividade, instrumento científico que construiu ao longo de toda sua vida. Lança-se então em uma tarefa inédita e desafiadora, que coloca em conformidade final o pesquisador com sua concepção de verdade, com o desejo de dar uma espécie de última garantia do caráter científico das proposições enunciadas em toda sua obra, colocando-se como objeto de pesquisa, reconstruindo-se como ser social.

\* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação – UFPR. Professora Assistente do Departamento de Educação Física – UFPR. E-mail: criscem@ufpr.br

<sup>1</sup> O livro, editado no Brasil em português pela Companhia das Letras e lançado em maio de 2005, recebeu o título *Esboço de auto-análise*.

<sup>2</sup> BOURDIEU, P. *Lições de aula: aula inaugural proferida no Collège de France em 23/04/1982*. São Paulo: Ática, 2001.

Tal empreendimento se edifica em um texto sem capítulos, mas com algumas separações contextuais visíveis formatadas em três etapas distintas, em que resgata experiências pessoais e elementos reunidos em favor de sua auto-análise, além de uma pequena introdução e fechamento.

A tentativa do autor é adotar o ponto de vista do analista sociológico, atendo-se aos tópicos do objeto analisado que são pertinentes. Propõe-se, neste esforço de se explicar e se fazer compreender, embasar-se em seus fragmentos de objetivação deixados ao longo de sua pesquisa, buscando aprofundá-los e sistematizá-los.

Após estas considerações iniciais, explica que compreender o indivíduo é primeiramente compreender o campo no qual e em oposição ao qual este se faz. Ao contrário do que se esperaria, ou seja, uma evocação dos primeiros anos e do universo social de sua infância, o autor inicia pelo campo em que ele se insere nos anos 50, quando era aluno da Escola Normal Superior em Filosofia, instituição do topo da hierarquia escolar francesa. Para esclarecer por que e como era realizada a formação do filósofo, evoca as possibilidades tais quais elas se desenhavam, bem como os ritos de instituição próprios para produzir a convicção íntima e a adesão que inspirava, nesses anos, a entrada na “tribo dos filósofos” (BOURDIEU, 2004, p. 16).

A escolha da Filosofia acontecia para garantir um status no campo intelectual, assegurado por figuras como Jean-Paul Sartre, Jean Beaufret, Maurice Merleau-Ponty, entre outros, produzindo-se no *khâgne*<sup>3</sup> a ambição intelectual à francesa em sua forma mais elevada, ou seja, filosófica, constituindo a legitimidade de uma aristocracia escolar universalmente reconhecida e a quem era considerado indigno aliar-se a certas disciplinas ou a certos objetos, notadamente todos os que se aproximavam das especialidades das Ciências Sociais.

A resistência ao existencialismo sartriano era feita a partir da leitura de autores marginais pertencentes a uma corrente escondida pelo brilho dos dominantes e que ofereciam um recurso para aqueles, que por razões diversas, queriam reagir contra a figura do intelectual total, presente em todas as formas de pensamento. Como leituras realizadas por Pierre Bourdieu com este propósito, citam-se Martial Guérault, Jules Vuillemin, Gaston Bachelard, George Canguilhem, Alexandre Koyré, Éric Weil. Destaca-se nesta lista Canguilhem que, como *homo academicus* exemplar, teve um papel

<sup>3</sup> Designação para o segundo ano da classe preparatória para o concurso de entrada na Escola Normal Superior.

emblemático e totêmico para aqueles que buscavam romper com o modelo filosófico dominante.

Longe da preocupação de ocupar um lugar no espaço dos possíveis, optando por libertar-se da visão de mundo do filósofo normalista francês dos anos 50, o autor afirma que se construiu no momento em que saiu do universo escolar, afastando-se também de tudo e contra tudo que representava para ele a obra de Sartre.

A percepção que o autor teve do campo sociológico, suas primeiras leituras transdisciplinares, seus estudos e pesquisas iniciais, são descritos na segunda parte do livro, ressaltando que formam o conjunto de uma trajetória social e escolar singular, que incluiu sua passagem pela Argélia. A experiência de fazer Etnologia nas condições difíceis de uma guerra de independência o marcou profundamente, significando um desafio intelectual e também pessoal, levando-o a compreender a importância de uma reflexão permanente e prática, indispensável em condições de urgência e risco extremos, para interpretar e apreciar instantaneamente a situação que se apresentava. A vigilância crítica que demonstra em seus trabalhos ulteriores é justamente fruto dessas primeiras experiências de pesquisa, em que precisava lidar com situações não programadas e em que tudo era, incessantemente, colocado à prova.

Para sua iniciação e aprendizagem, segundo o autor, também foi importante a pesquisa que ele fazia paralelamente às da Argélia sobre a questão do celibato dos primogênitos na região do Béarn<sup>4</sup> que rendeu três artigos, e que se tornou a ocasião e o dispositivo de uma verdadeira conversão intelectual e emocional que o conduziram da fenomenologia da vida afetiva para uma prática científica que implicaria uma visão do mundo social mais ampliada e realista. Esta reorientação intelectual se mostrou densa de implicações sociais já que se efetivava pela passagem da Filosofia à Etnologia e depois para a Sociologia e, no interior desta última, para a Sociologia Rural, situada no nível mais inferior da hierarquia social das áreas de conhecimento.

O progresso manifesto do trabalho, além de uma reconciliação pessoal com seu mundo de origem, se situa na ordem da reflexividade e na ruptura com o paradigma estruturalista por meio da passagem da regra à estratégia, da estrutura ao *habitus* e do sistema ao agente socializado, tomado pela estrutura das relações sociais de que é produto. Neste experimento, e outros de mesma natureza, destaca que pôde tornar evidente uma das habilidades da profissão

<sup>4</sup> Os artigos estão reunidos no livro BOURDIEU, P. *Le Bal des célibataires. Crise de la société paysanne en Béarn*. Paris: Seuil, 2002.

de sociólogo, que é a utilização científica de uma experiência social que, submetida à crítica sociológica, pode converter desvantagem em capital.

Na terceira parte do texto, o autor destaca que o esboço para uma auto-análise que ele apresenta, não pode deixar de abordar a formação das disposições associadas à sua procedência, bem como alguns acontecimentos de sua infância. Segundo o sociólogo, essas disposições contribuem para determinar as práticas nos espaços sociais no interior dos quais elas se atualizam.

Afirmando não ter a intenção de se alongar nas propriedades de sua família de origem, o autor fala do pai, da mãe e narra também o período em que esteve no internato,<sup>5</sup> afirmando que esta experiência teve um papel determinante na formação de suas disposições, inclinando-o para uma visão realista e combativa das relações sociais que, desde a educação de sua infância, contrasta com a visão irenista, moralista e neutra que encoraja a experiência protegida da existência burguesa.

Relata que se sentia preso entre dois universos de valores irreconciliáveis. Esta experiência dual aconteceu por uma discordância entre uma alta consagração escolar e uma baixa posição no extrato social e contribuiu para instituir uma relação ambivalente em relação à instituição escolar, composta de rebelião e de submissão, de ruptura e de expectativa, como se a certeza de si e a consagração, estivessem desde o princípio, minadas pela incerteza, a mais radical, sobre a instituição que o consagrava.

Afirma que estas tensões e contradições se manifestam claramente no estilo de sua pesquisa, nos tipos de objetos que o interessavam e a maneira particular de abordá-los. Pensa aqui no fato de ter investido grandes ambições teóricas em objetos empíricos que à primeira vista poderiam parecer triviais. É por isso que, na contra-mão da retórica que marca o estilo filosófico, ele admite ter deixado as contribuições teóricas mais importantes em incisos e notas, como o primeiro esboço de toda a teoria ulterior da discussão entre o subjetivismo e o objetivismo e o recurso para sua transposição a partir de um conceito mediador como o de disposição, que se acha exposto em um breve

<sup>5</sup> Esta parte do livro suscitou uma polêmica judicial entre a família de Pierre Bourdieu e a revista *Le Nouvel Observateur*. Por ocasião do falecimento do sociólogo, a revista publicou um dossiê consagrado a Bourdieu no qual constava um texto inédito do autor. Trata-se deste extrato do livro que Bourdieu entregou, para uma leitura de revisão, ao seu amigo Didier Eribon, colaborador da revista em questão. Na intenção de divulgar este texto belo e comovente, Eribon ofereceu o manuscrito à revista sem a autorização da família e do próprio Bourdieu que teria escrito no alto da versão original a menção de “não fazer circular”.

prefácio de um livro sobre fotografia.<sup>6</sup> A noção de *habitus* está presente, com suas implicações críticas a respeito do estruturalismo em um posfácio de um livro de Panofsky<sup>7</sup> que Bourdieu traduziu, em que a palavra *habitus* não é nem mesmo pronunciada. Uma de suas críticas mais elaboradas a Michel Foucault está na nota final de um artigo intitulado *Reprodução interdita* e a crítica ao estilo filosófico de Derrida pode ser vista em um post-scriptum de *A Distinção* ou em uma passagem elíptica de *Meditações pascalianas*.

Finaliza o livro explicando por que e para quem ele o escreveu, fornecendo informações cuja natureza permite ao leitor prolongar a análise reflexiva para além das descobertas genéricas – como as que ele gostaria de encontrar ao tentar compreender escritores ou artistas do passado.

Apona que, se ele não é situável enquanto agente empírico, ele se esforçou sem cessar para o ser enquanto pesquisador, sendo que neste livro, a partir da tomada de consciência de sua posição e da evolução desta no tempo, realiza uma tentativa de identificar os efeitos que pudessem ter sobre suas concepções científicas.

Admite que escreve também para seus leitores mais jovens, esperando que possam experimentar, por meio dessa evocação das condições históricas nas quais seu trabalho foi elaborado, o sentimento de apreender uma obra e uma vida no movimento de sua realização e delas apropriar-se de forma concreta. Afirma ser importante a historicização que paradoxalmente coloca à distância, mas também fornece os meios de aproximar e de converter um autor embalsamado e aprisionado nos pequenos retalhos do comentário acadêmico, em um verdadeiro *alter ego*, ou melhor, um companheiro, que tem problemas triviais e vitais, como todo mundo. Nada o tornaria mais feliz do que conseguir que seus leitores reconhecessem experiências, dificuldades, interrogações e sofrimentos pessoais, nas suas próprias, e que pudessem tirar desta identificação realista, os meios de fazer e de viver um pouco melhor o que eles vivem e fazem.

Pierre Bourdieu não acreditava em autobiografias, por isso compartilha neste texto seus pensamentos e acontecimentos, revelando a construção do homem social que as memórias e aventuras demonstram tratar-se de um cientista. Bourdieu, por ele mesmo, evidencia a autenticidade de sua sedução,

<sup>6</sup> BOURDIEU, P. *Un Art moyen, essai sur les usages sociaux de la photographie*. Paris: Minuit, 1965 (em parceria com Luc Boltanski, Robert Castel e Jean-Claude Chamboredon).

<sup>7</sup> Não consta no livro esta referência, mas possivelmente se trata do livro PANOFSKY, E. *Architecture gothique et pensée scolastique* (tradução francesa de Pierre Bourdieu). Paris: Minuit, 1967.

pelo fato de estar de corpo e alma em seu trabalho, de ser fiel aos seus propósitos iniciais e caminhar com coragem e lealdade na trilha intelectual escolhida de suas convicções. Acende assim uma luz no interior de seu leitor que se recusa a compreender o empreendimento da auto-análise do autor, como um testamento que fecharia o ciclo de suas obras em um olhar sobre si mesmo, o que seria indigno de sua realização. O sentimento de despedida que sensibiliza após o término da leitura do livro é logo dissipado ao se abrir um outro livro do autor, em que se encontra a presença sempre genial de Pierre Bourdieu.

Texto recebido em 30 out. 2004  
Texto aprovado em 17 dez. 2004